

ORIENTAÇÃO REGIONAL DAS EXPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO DE CARNE SUÍNA¹

Paulo Eterno Venâncio Assunção²
Patrícia Sousa Campos³

1 - INTRODUÇÃO

A carne suína é a fonte de proteína animal mais importante no mundo, sendo uma das carnes mais consumidas em todos os continentes, além de participar de maneira direta na dieta de varias populações. Tem uma produção de 100 milhões de toneladas/ano, das quais aproximadamente metade é produzida na China, e o restante na União Europeia (UE), nos Estados Unidos (EUA) e no Brasil, que é o quarto maior produtor e exportador, com 3% da produção, 11% das exportações e crescente inserção internacional (MIELE; MACHADO, 2010).

O mercado de carne suína internacional movimentava aproximadamente US\$11,9 bilhões e 5,4 milhões de toneladas. Ele se concentra em cinco importadores, com aproximadamente dois terços das importações mundiais (Japão, Federação Russa, México, Coreia do Sul e Hong Kong), e cinco exportadores, com 96% das exportações mundiais (USDA, 2009). No cenário internacional, o desempenho brasileiro na última década é positivo, passando de 4% para 11% de participação nas exportações mundiais, com aproximadamente 530 mil toneladas exportadas em 2008, atingindo o faturamento recorde de US\$1,4 bilhão no mesmo ano (ABIPECS, 2009). Neste período, as exportações brasileiras cresceram acima da média dos demais competidores, apesar do acirramento da concorrência, do aumento do protecionismo e da incerteza sanitária relacionada ao rebanho suíno, que tiveram impacto restritivo nos volumes exportados em alguns anos.

A participação da suinocultura brasileira nos mercados abertos no mundo para suas exportações é de 24%, atingindo 65% na Ucrânia, mercado explorado nos últimos oito anos, e 35%

em Hong Kong (ABIPECS, 2009). O Brasil já abriu mercados em países como o Chile, Cingapura e as Filipinas. E as negociações em curso com a UE, o Japão, os EUA, a China e o México apontam para a abertura desses novos mercados, com um potencial para mais do que duplicar os volumes exportados (ABIPECS, 2008).

No início dos anos 2000, a UE tinha cerca de 50% de participação no mercado mundial de carne suína, o Canadá ficava em segundo lugar nas participações das exportações de carne suína com 21%, e o Brasil participava com 4% no mercado internacional de carne suína.

Em 2009, houve uma inversão nos valores de participação nos mercados internacional de carne suína. Os EUA assumiram a liderança na participação das exportações, indo de 18% de participação para 35%, a UE caiu para 23% de participação, e o Canadá manteve 21% de participação no mercado internacional. Já o Brasil teve um salto nas participações do mercado internacional de carne suína, indo de 4% para 11%, com um montante de US\$10 bilhões em 2009 (MDIC/SECEX, 2011) (Figura 1).

Com esses padrões sendo respeitados pelos produtores brasileiros, a conquista de mercados internacionais acaba sendo mais fácil por parte dos suinocultores. Os investimentos feitos por parte do governo brasileiro nos últimos anos fizeram com que vários segmentos do agronegócio nacional conquistassem ainda mais mercados, ganhando destaque e se tornando cada vez mais profissionais e competitivos.

O mercado internacional de carne suína brasileiro apresenta alguns importadores tradicionais, que são mercados já consolidados para onde a carne é exportada. O mercado russo de carne suína há muitos anos apresenta importância para o agronegócio nacional, ficando em primeiro lugar nas exportações de carne suína brasileira, seguido de Hong Kong que é um mercado consolidado e que ocupa o segundo lugar nas exportações brasileiras, Ucrânia, que apresentou importância para suinocultura nos últimos, e Argentina, parceiro comercial brasileiro no MER-

¹Registrado no CCTC, IE-07/2012.

²Engenheiro Agrônomo (e-mail: paulo_etermo05@hotmail.com).

³Engenheira Agrônoma (e-mail: patricia_s.campos@hotmail.com).

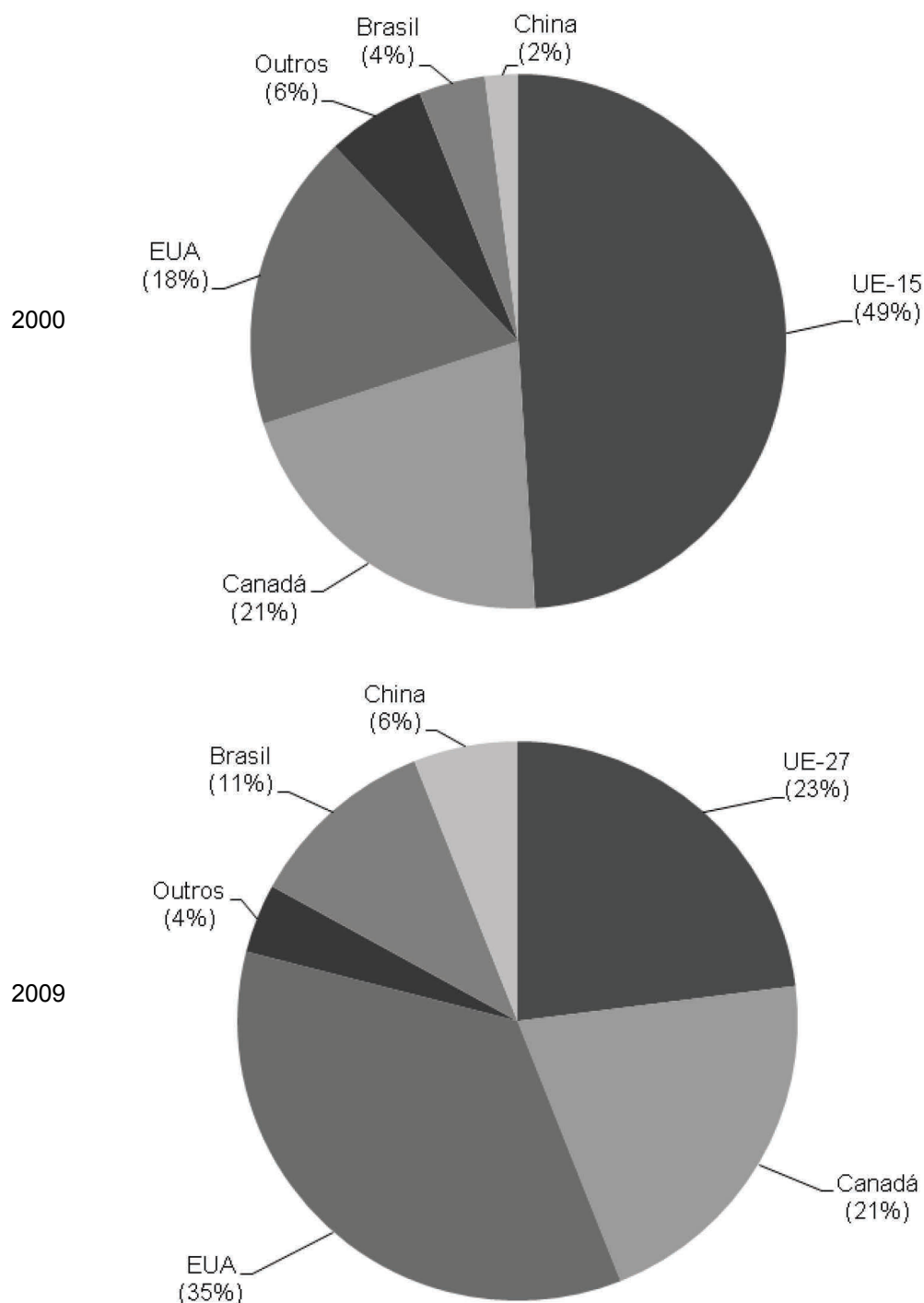


Figura 1 - Principais Países Exportadores de Carne Suína, 2000 e 2009.

Fonte: ABIPECS (2009) e USDA (2009).

COSUL, ficando em quarto lugar nas importações (Tabela 1).

Ao contrário do que é apresentado no mercado mundial, o consumo de carne suína no Brasil é inferior ao consumo das carnes de frango

e bovina. O consumo é preferencialmente de produtos processados em detrimento da carne suína *in natura*, por haver associação da carne suína com doenças cardiovasculares e verminoses.

O mercado interno tem apresentado

TABELA 1 - Principais Destinos da Carne Suína Brasileira, 2011

Países	t	US\$	Part. %
Rússia	120.730	376.008	31,33
Hong Kong	107.507	261.706	21,80
Ucrânia	53.003	156.434	13,03
Argentina	33.458	99.813	8,32
Angola	29.364	61.779	5,15
Cingapura	20.025	59.165	4,93
Uruguai	13.050	37.809	3,15
Albânia	6.653	24.892	2,07
Venezuela	6.119	16.305	1,36
Haiti	5.018	12.644	1,05
Outros	41.519	93.749	7,81
Total	436.449	1.200.302	100,00

Fonte: ABIPECS (2011a).

crescimento com o advento da suinocultura industrial, pela qual as carnes são exploradas de maneira profissional, podendo ser rastreadas com sua própria legislação para regulação de qualidade e aumento nos padrões de produção da carne suína.

Tendo em vista essa evolução no agronegócio nacional e o crescimento apresentado pela suinocultura brasileira, o presente trabalho procura analisar a orientação regional e competitividade das exportações da carne suína brasileira entre 2002 a 2010, para os cinco primeiros países que aparecem no *ranking* dos países de destino da carne suína brasileira em 2011.

2 - METODOLOGIA

Yeats (1997) propôs uma metodologia que visava analisar a orientação regional das exportações de algum produto de um país em relação a outro país consumidor desse mesmo produto. Essa metodologia ficou conhecida como Índice de Orientação Regional (IOR), que é dado pela equação abaixo:

$$IOR = (X_{ki} / X_{ti}) / (X_{ke} / X_{te})$$

onde:

X_{ki} = Valor das exportações brasileiras do produto k ;

X_{ti} = Valor total das exportações brasileiras intrabloco/região;

X_{ke} = Valor das exportações brasileiras do produto k extrabloco/região;

X_{te} = Valor total das exportações brasileiras extrabloco/região;

k = Carne suína.

Segundo Yeats (1997), o índice situa-se num intervalo de zero a infinito, no qual a unidade indica uma mesma tendência para exportar o produto a membros e a não membros, enquanto valores crescentes, observados ao longo do tempo, indicam tendência para exportar mais para a região analisada.

Analisando os resultados do IOR, pode-se dizer que, quando o IOR > 1, existe orientação regional do produto k na região avaliada; regular quando estiver entre 0,5 e 1; baixo quando apresentar IOR < 0,5; e ainda pode ser nulo quando não apresentar exportações para a região analisada. Avaliando um período de tempo determinado, se o IOR apresentar valores crescentes, a tendência é aumentar as exportações para essa região e, caso aconteça o contrário, ou seja, se apresentar valores decrescentes ao longo do tempo, a tendência é exportar para fora da região analisada.

Os dados utilizados para o cálculo do IOR foram coletados no Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (Alice-Web2) em valores FOB em dólares, no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), Food Agriculture Organization of the United Nations (FAO) e Organização Mundial do Comércio (OMC), além do site da United Nations Commodity Trade Statistics Database (UN Comtrade).

3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

As exportações brasileiras de carnes suínas para Ucrânia apresentaram um crescimento nos últimos anos. A tabela 2 demonstra que, nos primeiros anos do período analisado, as exportações de carnes suínas para Ucrânia não apresentaram valores expressivos, sendo que nos anos de 2002 e 2003 as exportações não passaram pelo valor regular, ficando no valor baixo, menor que 0,5. No ano de 2004, as exportações superaram o valor de 1,0, indicando que houve orientação regional das exportações de carnes suínas para Ucrânia nesse ano. No ano de 2005, houve uma queda, fato que pode ser explicado pela explosão de gripe suína, causando uma queda no consumo de carne suína e diminuindo as exportações brasileiras de carne suína (ABIPECS, 2011b).

Entre os anos de 2006 e 2010, as exportações de carne suína do Brasil para a Ucrânia apresentaram crescimento quase que contínuo, tendo uma pequena queda no ano de 2008, quando o IOR caiu para 2,0, apresentando um aumento multiplicado por dois, indo para 4,2 em 2009, demonstrando que houve grande orientação das exportações de carne suína para a Ucrânia, com o índice subindo para 5,1 em 2010. Mesmo com a crise econômica apresentada na zona do euro advinda de 2005 e que alcançou a Ucrânia, não houve uma retração na queda nas importações de carne suína por parte desse país (ABIPECS, 2011a).

A figura 2 deixa patente a oscilação apresentada no IOR da carne suína para Ucrânia. Deixando claras as ondulações apresentadas nas importações de carne suína brasileira por parte da Ucrânia, mesmo com essas oscilações, houve orientação regional das exportações em todos os anos, exceto em 2002 e 2003.

A tabela 3 demonstra o IOR apresentado para as exportações de carne suína para Rússia. A Rússia é historicamente grande importadora de carne suína do Brasil, ficando entre os principais mercados explorados pelos suinocultores brasileiros (ABIPECS, 2011a).

O índice para Rússia apresentou oscilações nos anos analisados pela presente pesquisa, mesmo com as oscilações apresentadas pelo mercado. Ele permaneceu sempre acima de 1,0, demonstrando que nos anos compreendidos

entre 2002 e 2010 houve orientação regional das exportações brasileiras de carne suína para Rússia. Percebe-se, assim, que o mercado russo sempre foi importante para a suinocultura brasileira. Mesmo com a diminuição apresentada no consumo de carne no ano 2005, ano em que o IOR apresentou queda, o índice foi maior que 1,0, mesmo com a queda no mercado, tendo uma pequena oscilação para baixo no ano de 2008, quando a crise econômica se asseverou, fazendo com que houvesse uma diminuição nas importações por parte dos países da zona do euro, incluindo o mercado russo (ABIPECS, 2011a).

A figura 3 demonstra a linha apresentada pelas exportações brasileiras de carne suína, deixando visível o IOR. Houve oscilações das exportações de carne suína, deixando visível a queda apresentada nas exportações para esse país. Percebe-se que houve uma pequena barreira de imposição apresentada pelo mercado russo à carne suína brasileira, como constatada por Camargo Neto (2011). O ano de 2009 apresentou crescimento, sendo visível no figura 3 o aumento da orientação para esse país, voltando a cair em alguns pontos no ano de 2010. O ano de 2008 foi a exceção, quando o índice caiu para 1,6, ficando, porém, ainda acima de 1,0, demonstrando que houve orientação das exportações para esse país, que é um mercado historicamente importante para suinocultura brasileira.

O mercado asiático de carne suína sempre foi interessante para as exportações brasileiras, sendo que mercados como o japonês e o chinês sempre estiveram entre os que mais importam carne suína do Brasil. Hong Kong não fica fora desse cenário; mesmo sendo uma província dentro do território chinês, apresenta economia independente e mercado internacional consolidado e forte. As exportações de carne suína para Hong Kong demonstraram uma pequena queda nos últimos três anos, compreendidos entre 2008 e 2010 (Tabela 4), sendo que nesses dois últimos houve a repetição do índice de 1,2. O IOR para o mercado de Hong Kong ficou sempre a cima de 1,0 no período estudado, demonstrando que houve orientação das exportações de carne suína para ele, que se apresentou como sendo um mercado regular, mas, teve suas oscilações em relação à quantidade de carnes que são importadas.

A figura 4 mostra a oscilação apresen-

TABELA 2 - Índice de Orientação Regional da Carne Suína para Ucrânia, 2002 a 2010

Ano	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
IOR	0,0	0,0	1,4	0,3	1,7	3,1	2,0	4,2	5,1

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados da FAO, MDIC/SECEX e ALICEWEB2. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br/>>.

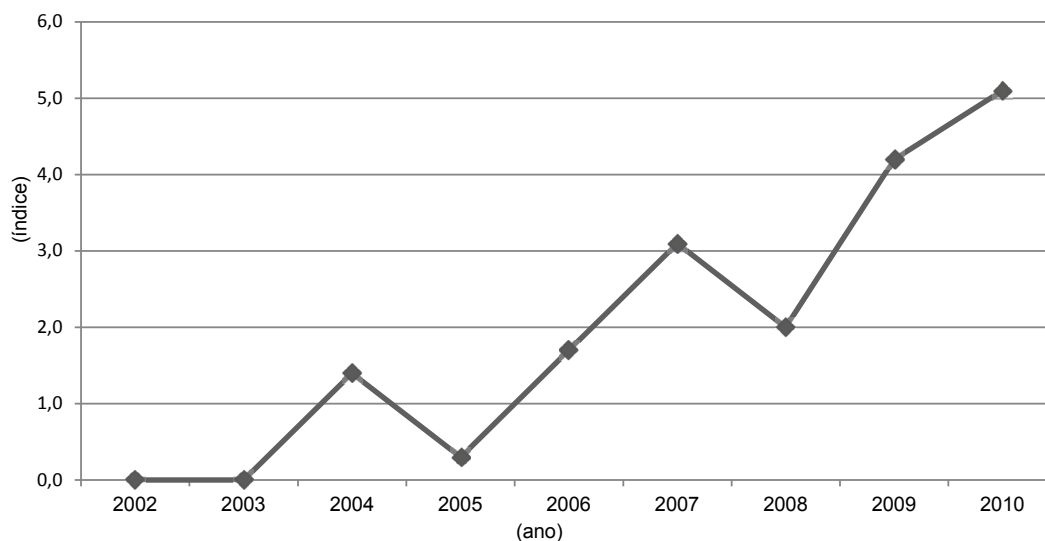


Figura 2 - Índice de Orientação Regional da Carne Suína para Ucrânia, 2002 a 2010.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados da FAO, MDIC/SECEX e ALICEWEB2. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br/>>.

tada pelo mercado de Hong Kong, deixando patente que o mercado, mesmo importante, apresenta altos e baixos quanto à sua importação de carne suína brasileira. A queda apresentada no ano de 2005 foi causada pela disseminação da gripe suína pelo mundo, que atrapalhou um pouco as exportações brasileiras de carne suína, fazendo com que fosse apresentada a oscilação (ABYPECS, 2011b).

A segunda oscilação para baixo apresentada no gráfico deve-se ao fato da crise financeira mundial, que não poupou o mercado asiático, fazendo com que no ano 2008 houvesse uma queda nas importações de carne suína por parte do mercado de Hong Kong. Mesmo com essa queda, houve orientação das exportações de carne suína para esse mercado. Houve uma pequena recuperação do mercado, seguida de estabilidade nos anos de 2009 e 2010.

O mercado argentino de exportações de carne suína brasileira ficou em quarto lugar entre os mercados mais importantes para as exportações, movimentando quase US\$88 milhões

em 2010 (MDIC/SECEX, 2011). Mesmo sendo um mercado com cifras altas, as exportações brasileiras de carne suína não apresentaram orientação para ele, ficando em todos os anos abaixo de 0,5 (Tabela 5). Os valores do índice mais alto foram de 0,1, valor que fica abaixo do índice considerado baixo do IOR das exportações para os mercados explorados. Fica claro que, mesmo em quarto lugar nas exportações de carne suína no cenário nacional, não há orientação regional para o mercado de carne suína argentino.

O mercado angolano apresenta importância para outros produtos, não sendo diferente para a suinocultura, sendo que é um mercado que transferiu para o mercado brasileiro cerca de US\$36 milhões em 2010 (MDIC/SECEX, 2010). O mercado angolano apresentou tendências de estabilidade nas importações de carne suína brasileira, ficando nos quatro primeiros anos do período analisado com índice de orientação abaixo de 0,5, ficando na casa de 0,1, valor que não demonstra orientação de exportações para esse país.

O índice seguiu a mesma tendência

TABELA 3 - Índice de Orientação Regional da Carne Suína para Rússia, 2002 a 2010

Ano	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
IOR	3,0	2,8	3,0	2,8	2,6	2,1	1,6	2,5	2,2

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados da FAO, MDIC/SECEX e ALICEWEB2. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br/>>.

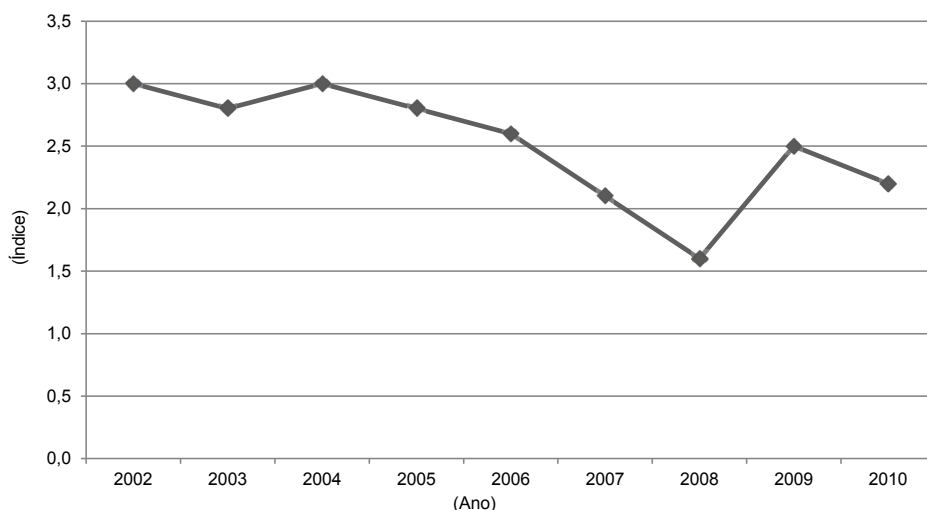


Figura 3 - Índice de Orientação Regional da Carne Suína para Rússia, 2002 a 2010.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados da FAO, MDIC/SECEX e ALICEWEB2. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br/>>.

TABELA 4 - Índice de Orientação Regional da Carne Suína para Hong Kong, 2002 a 2010

Ano	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
IOR	1,6	1,3	1,1	1,0	1,3	1,4	1,1	1,2	1,2

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados da FAO, MDIC/SECEX e ALICEWEB2. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br/>>.

nos anos seguintes, ficando com 0,2 ponto de IOR. A tabela 6 deixa à vista que houve nos últimos dois anos crescimento no IOR, ficando em 0,4 em 2009 e 0,6 em 2010, demonstrando que tem havido uma tendência de exploração desse mercado pelas exportações de carne suína brasileira. No ano de 2010, com índice de 0,6, demonstrou que o mercado angolano de carne suína foi regular nas exportações, podendo ter um aumento nas exportações para esse país.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação detalhada do agronegócio de carne suína brasileiro deixa claro que o país apresenta certa consolidação nesse mercado. O país tem se tornado cada vez mais importante

nas exportações de carne suína, conquistando mercados novos a serem explorados. Com a crescente tecnificação dos frigoríficos e abatedouros, ele adapta-se às exigências dos maiores mercados mundiais de carne suína, o que mostra que a carne suína brasileira tem-se tornado cada vez mais competitiva no mercado internacional, podendo continuar ganhando ainda mais mercados novos e consolidando ainda mais sua participação nos mercados já conquistados.

Outro aspecto que vale ressaltar é a integração vertical em relação aos contratos, que são firmados levando-se em conta os interesses entre os abatedouros, que por vezes fornecem rações e assistência técnica para os pequenos produtores, eles arcam com os custos das estruturas e com a mão de obra.

Na suinocultura, esses modelos de con-

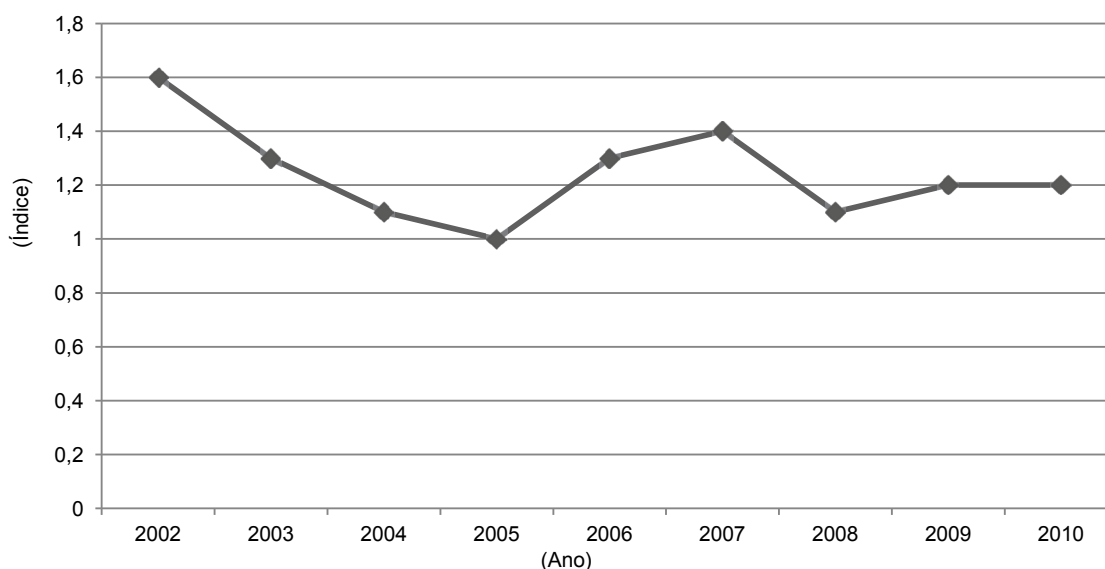


Figura 4 - Índice de Orientação Regional da Carne Suína para Hong Kong, 2002 a 2010.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados da FAO, MDIC/SECEX e ALICEWEB2. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br/>>.

TABELA 5 - Índice de Orientação Regional da Carne Suína para Argentina, 2002 a 2010

Ano	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
IOR	0,1	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados da FAO, MDIC/SECEX e ALICEWEB2. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br/>>.

TABELA 6 - Índice de Orientação Regional da Carne Suína para Angola, 2002 a 2010

Ano	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
IOR	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2	0,2	0,4	0,6

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados da FAO, MDIC/SECEX e ALICEWEB2. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br/>>.

tratados possibilitaram que os suinocultores se tornassem mais competitivos, podendo explorar maiores fatias de mercado e possibilitando explorar os mercados internacionais.

O setor do agronegócio que representa bem esse tipo de integração é da avicultura, cujos abatedouros fornecem pintinhos, rações e assistência, e cabe aos avicultores custear estruturas, mão de obra e remédios, sendo que tal modelo de integração apresenta vantagens múltiplas para ambos os lados da cadeia. Assim o abatedouro não fica material e o agricultor não fica sem ter para vender

sua produção.

Constata-se que há orientações de mercado de carne suína brasileira para alguns dos países estudados, sendo que o mercado ucraniano de carne suína apresentou melhores índices, podendo ser ainda mais explorado, gerando ainda mais rendimentos para o mercado suinocultor brasileiro. A consolidação da participação da carne suína nacional no mercado russo demonstra que há tradição brasileira nas exportações, podendo, assim, facilitar a conquista de novos mercados, e seguir crescendo.

LITERATURA CITADA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PRODUTORES DE CARNE SUÍNA - ABIPECS. **Estatísticas 2008**. São Paulo: ABIPECS, 2008. Disponível em: <<http://www.abipecs.org.br>>. Acesso em: 3 dez. 2011.

_____. **Exportações de carne suína para Europa em 2010**. São Paulo: ABIPECS, 2011a. Disponível em: <<http://www.abipecs.org.br>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

_____. **Relatório ABIPECS 2009**. São Paulo: ABIPECS, 2009. Disponível em: <<http://www.abipecs.org.br>>. Acesso em: 17 dez. 2011.

_____. **Série histórica de consumo de carne**. São Paulo: ABIPECS, 2011b. Disponível em: <<http://www.abipecs.org.br>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Produção e Comercialização. **Exportações de carne suína**. Brasília: MAPA/SPC, 2011. Disponível: <<http://www.agricultura.gov.br>>. Acesso em: 26 out. 2011.

CAMARGO NETO, P. Restrições do mercado russo a carne suína brasileira. **Revista Nacional de Carne**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 34-56, 2010. Disponível em: <<http://www.agropecs.org.br>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

FOOD AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS - FAO. Rome: FAO, 2011. Disponível em: <<http://faostat.fao.org>>. Acesso em: 28 set. 2011.

MIELE, M; MACHADO, J. Panorama da carne suína brasileira. **Agroanalysis**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 36-42, 2010.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Secretaria de Comércio Exterior - MDIC/SECEX. **Setores que mais crescem no Brasil**. Brasília: MDIC/SECEX, 2011. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br>>. Acesso em: 27 set. 2011.

UNITED NATIONS COMMODITY TRADE STATISTICS DATABASE - UN COMTRADE. **Database**. New York: UN COMTRADE, 2011. Disponível em: <<http://comtrade.un.org/>>. Acesso em: 29 set. 2011.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE - USDA. **Foreign Agricultural Service**. Washington, D.C.: USDA, 2009. Disponível em: <<http://www.fas.usda.gov>>. Acesso em: 6 dez. 2009.

YEATS, A. Does Mercosur's trade performance raise concerns about the effects of regional trade arrangements? **Policy, Planning and Research Working Paper n. 1729**. Washington: World Bank, fev. 1997. Disponível em: <www.4shared.com/livros/pdf>. Acesso em: 14 set. 2011.

ORIENTAÇÃO REGIONAL DAS EXPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO DE CARNE SUÍNA

RESUMO: O objetivo deste trabalho foi analisar a competitividade da carne suína nos mercados que ficaram entre os cinco maiores mercados consumidores da carne suína brasileira em 2011. Para tanto, foi utilizado o Índice de Orientação Regional, que demonstra a tendência de se exportar para um determinado mercado. Os resultados demonstraram que houve uma tendência em exportar para alguns mercados, que se mostraram fortes em relação a outros, sendo que o mercado ucraniano foi o de maior importância, e o mercado argentino, que está entre os mais importantes para o agronegócio de carne suína brasileiro, não apresentou orientação.

Palavras-chave: carne suína, IOR, competitividade.

REGIONAL EXPORT ORIENTATION OF THE PORK AGRIBUSINESS

ABSTRACT: *The objective of this study was to analyze pork's competitiveness in the five largest consumer markets of Brazilian pork. To this end, we used the Regional Orientation Index, an index that shows the export trend in a particular market. The results showed a trend toward some markets, proven to be stronger than others. The Ukrainian market was shown to be of great importance, but the Argentine market, which is among the most important for the Brazilian pork agribusiness, showed no export orientation.*

Key-words: *pork, IOR, competitiveness.*

Recebido 11/01/2012. Liberado para publicação em 27/03/2012.